

GÊNEROS DIGITAIS E O USO DA LIBRAS NO *INSTAGRAM*: A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA NA CAMPANHA DE 2018

Ana Paula Saffe Mendes (UFMS)
saffeanap@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir o uso de gêneros digitais por mediadores entre língua oral e língua gesto-visual. Para tanto, focalizo o papel de tradutores/intérpretes de LIBRAS, na promoção de maior engajamento da comunidade surda no *Instagram*, durante o período eleitoral de 2018. Ciente da transitoriedade dos conteúdos veiculados no aplicativo universal, montei um arquivo discursivo (FOUCAULT, 2010a) com comentários e postagens representativas da polarização constituída na disputa presidencial. Na composição do *corpus* e concebendo a historicidade do caráter social da linguagem, acionei os Estudos Discursivos foucaultianos, em diálogo com os Estudos Surdos para, com escopo teórico de natureza interdisciplinar, analisar a produção de conteúdos pela página @bolsosurdos, @alonmauricio e o perfil @elizangelacastelobranco, observando os engajamentos em manifestações realizadas no período. Enquanto esfera de compartilhamento e interação *on-line*, o *Instagram* promoveu a construção de espaços mais acessíveis às pessoas gesto-visuais. No batimento entre produção e recepção de discursividades na rede, em meu gesto de interpretação, percebo que, na materialidade de cada alusão à Michele Bolsonaro, entre o exercício de uma militância em prol dos sujeitos surdos, a representatividade do apoio à adoção da LIBRAS como segunda língua oficial do Brasil e as atribuições próprias à tradução/interpretação, há um distanciamento limítrofe bem tênue.

Palavras-chave:

Instagram. Surdo. Tradutor/Intérprete.

ABSTRACT

This work has the objective of discussing the use of digital genres by mediators between oral language and visual-gesture language. Therefore, I focus on the role of LIBRAS translators/interpreters, on the promotion of a bigger engagement from the deaf community on Instagram, during the 2018 electoral period. Aware of the spread contents' transience on the universal application, I gathered a discursive archive (FOUCAULT, 2010a) with representative comments and posts of the polarization built during the presidential race. In the corpus composition and conceiving the language's social character historicity, I added Foucault's Discursive Studies, in dialogue with Deaf Studies to, with interdisciplinary theoretical scope, analyze the content production by the page @bolsosurdos, @alonmauricio and the @elizangelacastelobranco profile, observing engagement and manifestations made in the period. As a sphere of on-line sharing and interaction, Instagram has promoted the construction of more accessible spaces to visual-gesture people. Comparing on-line discursivities production and reception, in my interpretation gesture, I noticed that, in the materiality of each allusion to Michelle Bolsonaro, between the exercise of a pro-deaf subjects militancy, the support to LIBRAS'S ADOPTION as Brazil's official second language representa-

tivity and the properas signments to translation/interpretation, there is a very tenuous limitrophe detachment.

Keywords:

Deaf. Instagram. Translator/Interpreter.

1. Considerações iniciais

“Nossas posições de resistência, como referem nossas nostalgias, têm de reivindicar isenção à regra universal das identidades. Temos de seguir resistindo ou nos encontraremos em campos que nos obrigam a perecer.” (PERLIN, 2007, p. 10)

Sob a concepção da linguagem como prática social, este trabalho tem como objetivo discutir o uso de gêneros de materialidade digital por profissionais engajados com a mediação entre língua oral e língua gestu-visual. A epígrafe escolhida aciona um gesto de interpretação (ORLANDI, 2012) que permite pensar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como elemento inerente à identidade surda e abordá-la, como proponho, enquanto ponto principal de resistência e de luta da comunidade surda brasileira. O que Perlin (2007) aciona no fragmento, a partir da sua posição de pesquisadora surda, é a ideia de rompimento com a concepção universal sobre os surdos e os elementos identitários que carregam.

Observando a intensificação dos movimentos desenvolvidos na rede social Instagram, ligados ao uso da Língua de Sinais tanto por pessoas surdas quanto por intérpretes-tradutores, inquieta-me as manifestações em um contexto no qual os olhos da sociedade *ouvintista* (SKLIAR, 2015) não havia se voltado para esse povo até então: universo político.

Com isso, penso sobre o papel da rede na propagação da LIBRAS e se há, de fato, uma ligação entre acessibilidade e o uso dos gêneros digitais por intérpretes durante as eleições de 2018. Para tanto, foco nos conteúdos produzidos em LIBRAS, em conformidade às mutações do discurso político (SARGENTINI, 2017), em um período no qual esses profissionais migram para o digital, a partir de um compromisso com a exposição de opiniões sobre a disputa presidencial.

Sendo assim, aqui concebo as *práticas discursivas* (FOUCAULT, 2010a) de postagens e comentários no Instagram como *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2015), pois se deslocam na esfera digital carregadas de

sentidos que refletem, no âmbito público, percepções cotidianas da comunidade surda. Mobilizando o conceito em meu procedimento analítico e considerando o trabalho dos intérpretes, busco relacionar sua participação no aplicativo ao engajamento do povo surdo no âmbito político em 2018.

Se a plataforma viralizou, nos últimos anos, por suas possibilidades de interação, na campanha presidencial, ela se tornou palco de manifestações pessoais e embates políticos que denunciaram uma sociedade organizada de modo polarizado. O cenário dividiu o país em *formações discursivas* (FOUCAULT, 2010a) distintas, dentre as quais, destaco duas: a liderada pelo candidato de Fernando Haddad, do PT (Partido dos Trabalhadores) e a de Jair Bolsonaro, na época, ainda candidato do PSL (Partido Social Liberal).

De acordo com Foucault (2010a):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2010a, p. 43)

Em razão disso, considero o funcionamento específico adotado por cada sujeito nas eleições, composto por enunciados regulares, enquanto formações discursivas. Afinando minha pesquisa sob a perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, em diálogo com os Estudos Surdos e as percepções sobre gêneros digitais propostas por Nascimento (2011) e Marcuschi (2003), problematizo os efeitos de sentido nas postagens dos perfis analisados, sobretudo no que tange à interação com internautas surdos diante dos conteúdos promovidos.

1. Gênero de materialidade digital no engajamento político da comunidade surda

Imersa nos Estudos Surdos, em um percurso sobre a *identidade* e a *cultura surda* (SKLIAR, 2015), abordo a produção e a recepção de discursos que circulam nesse novo meio visual, a partir das interações da comunidade surda na rede. Pensando nas mutações do discurso político, com Sargentini (2017), e no avanço tecnológico da nossa sociedade, vejo que o Instagram, enquanto rede social, promoveu o compartilhamento e a formação de opiniões políticas. Segundo a autora:

O surgimento de diversas ferramentas tecnológicas criou a possibilidade de apreensão de todos esses materiais que são suportes do discurso político, simplificou a captação desses produtos de divulgação e, de forma inevitável, constrangeu a forma de produção do discurso político (SARGENTINI, 2017, p. 160)

A pesquisadora observa a importância da mídia digital nas propagandas e nas campanhas eleitorais atuais, principalmente quanto à capacidade de visualização desse material dentro das esferas da mídia social – compreendida também como redes sociais. É na ocorrência dessa atualização sobre promoção política, consoante às mudanças sociais, que percebo o erigir de uma *mudança* que acompanha, quase simultaneamente, os movimentos dos sujeitos. Ao direcionarem suas atenções para outros meios e aparelhos, muitos internautas seguem os avanços tecnológicos como forma de não se desatualizarem.

Diante do exposto, selecionei o Instagram para recortar o *corpus* e realizar a análise, tendo em vista o seu crescimento enquanto rede social. Pela lógica do aplicativo, os perfis mais seguidos usufruem de influência sobre os usuários e chamam mais a atenção das grandes empresas. Tal movimento é essencial para ocupar posição de destaque na vitrine da web, ou seja, para serem expostas a um grande número de pessoas conectadas. Como os pronunciamentos surgem no *app*, em posts, legendas, vídeos, hipertextos e *hiperlinks*, embasoo meu percurso em autores que se dedicaram aos estudos dos gêneros textuais, como Marcuschi (2003), para quem:

Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. (MARCUSCHI, 2003, s/p)

Firmando minhas percepções iniciais sobre a funcionalidade comunicativa, na direção do que propõe o autor, compreendo o *Instagram* como espaço disponível para a circulação dos gêneros digitais. Defendo que a rede permite construções discursivas na língua portuguesa e na língua de sinais, em um campo conversacional estruturado a partir de demandas sociais, culturais e comunicativas.

Por meio de ferramentas virtuais frequentemente atualizadas, o *app* busca maior facilidade de interação entre os internautas, a fim de que a distância esteja presente apenas entre os corpos físicos, pois sentidos, emoções, expressões e falas se exteriorizam pelas telas. Assim, vídeos, fotos, filtros, músicas, *gifs*, *stories* aparecem na interface como possibili-

dades que promovem, para além dos encontros, ambientes mais acessíveis às pessoas gesto-visuais.

2. Metodologia interdisciplinar

Pensando no *Instagram* como plataforma atualizada, simultaneamente, por elementos referentes ao contexto em que se insere, adentrei ao *boom* político vivenciado no *app*, em 2018, e ao seu atrelamento com a necessidade de parte da população brasileira de se posicionar e defender seus candidatos. Os movimentos realizados neste trabalho são conduzidos sob a perspectiva que rege a proposta: a impossibilidade de dissociar o discurso do gênero digital em questão.

Na constituição de uma teia discursivo-midiática, considero as postagens e os comentários dos espaços abertos pela plataforma para que a comunidade surda se expressasse, com enfoque nos movimentos dos intérpretes sobre o cenário político brasileiro. Para isso, aciono a noção de *sujeito ordinário*, na esteira de Silveira (2016). Segundo a autora, tal sujeito estaria

Ligado a instâncias midiáticas não legitimadas, que se desenvolve por uma relação de autoria de um texto coletivo que se constrói pelo conjunto de outros textos [...] que não se sabe exatamente de onde vêm. (SILVEIRA, 2016, p. 66)

Nesse seguimento, interessa-me como o Instagram permitiu a visualização das relações entre *hashtags* e comentários. Utilizando a metodologia qualitativo-interpretativista, em um trabalho de natureza interdisciplinar, montei um *arquivo discursivo* (FOUCAULT, 2010a) com 30 postagens realizadas no ano de 2018 nos perfis @bolsosurdos, @alonmauricio, @jessicalacerda, @elizangelacastelobranco, @leoviturinno e @leocastilho, selecionando também os comentários e as respostas em cada compartilhamento.

Para Foucault (2010a):

A tarefa consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações) mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. (FOUCAULT, 2010a, p. 28)

Assim, abordar os movimentos realizados no Instagram enquanto *práticas discursivas* me permitem situar essas construções em um determinado momento da história, bem como os seus impactos nas esferas

sociais. Entendendo com o filósofo francês que podemos tratar o discurso “no jogo de sua instância”, aponto as *regularidades discursivas* (FOUCAULT, 2010a) em um *corpus* composto por três publicações de intérpretes, sendo eles @elizangelacastelobranco, @alonmauricio e @bolsosurdos, e dois comentários de pessoas surdas, como forma de me pautar, analiticamente, no funcionamento discursivo. Ao realizar a seleção das materialidades com a ferramenta de *print* da tela, considereei, ainda, outros elementos auxiliares para a coleta de dados, como as curtidas, o número de visualizações e a quantidade de interações nos comentários.

Procedi à análise do material presente em perfis públicos de TILS – Tradutores e intérpretes de Língua de Sinais, observando seus respectivos engajamentos em posts, tanto positivos, quanto negativos, sobre os candidatos da disputa presidencial. A escolha dos perfis se deu pelo incisivo empenho de seus autores dentro do contexto político brasileiro, tanto de forma profissional, enquanto intérpretes dos referidos candidatos, quanto na plataforma digital, em perfis pessoais.

Para a elaboração do *corpus*, tomei a orientação de gênero como direcionada “[...] para as coerções que são instituídas a partir de si na relação com o tempo e com o espaço em que é produzido” (NASCIMENTO, 2011, p. 53). Já que existem diferenças entre tradução e interpretação, meus movimentos analíticos estão assentes na conceituação de ambas. Na tradução, é possível “refletir sobre o trabalho, interromper, retomar [...] e após o texto ser escrito ele pode ser revisado, alterado” (LACERDA, 2015, p. 18), como ocorrem nos vídeos do Instagram. Já a interpretação é posta como uma prática em que “todo o conhecimento do tema que está sendo tratado, o vocabulário específico e as expressões precisam estar disponíveis a priori, pois durante a tradução simultânea não há tempo para consultas ou reflexões” (LACERDA, 2015, p. 18).

A visada do autor possibilita pensar o gênero digital e seus elementos composicionais atrelados à busca atual de proporcionar proximidade entre as pessoas e velocidade de informações. O meu aprofundamento nas postagens e nos comentários justifica-se pela compreensão de Marcuschi (2003):

Os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigoando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, tele-

mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, s/p.)

Em 2003, ano de publicação de seu artigo, a era virtual ainda não usufruía de seu auge em termos de rápida circulação informacional e interação dos *sujeitos ordinários*. É por considerar a impossibilidade de distanciar o contexto da análise que, pautando-me no que Foucault (2010b) denominou *condições de possibilidade*, abordo os comentários e as postagens a partir do cenário tecnológico e político da nossa sociedade. Penso nesses elementos inerentes ao Instagram como novos gêneros emergentes da internet, constituídos por componentes hipermediáticos que permitem ao internauta entrar em contato com diversos assuntos e acontecimentos em uma única *timeline*, a qual contém imagens, legendas e *hiperlinks*.

Direcionando o recorte dos posts para conteúdos políticos, do ano de 2018, noto as práticas de intérpretes pautadas no envio de conteúdos para as pessoas surdas, sobretudo no que diz respeito à circulação do *discurso ordinário* (SILVEIRA, 2015) na *internet*. Tal prática aparece intensificada no efeito de polarização política enfrentado, no Brasil, durante o período eleitoral, essencialmente marcado pela oposição entre os candidatos Jair Messias Bolsonaro, com o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e Fernando Haddad, com um plano de governo pautado na “democracia, diversidade e pluralismo”¹.

3. O Instagram na visibilidade da comunidade surda

Como um dos intensificadores da polarização dentro da comunidade surda, compreendo, no enfoque da campanha de Bolsonaro, a relação de sua esposa com a língua de sinais e seu potencial de representatividade enquanto futura primeira-dama, fluente em LIBRAS. Sem parentes surdos e com o curso de Libras realizado no âmbito religioso, a imagem de Michelle Bolsonaro, na campanha, foi aclamada por se associar a alguém capaz de olhar para os surdos, contemplando, nas decisões políticas, suas necessidades e diferenças. Abordo essa questão, pois acredito

¹ Plano de Governo. Disponível em: https://pt.org.br/wp-content/uploads/2018/08/plano-de-governo_haddad-13-pdf.pdf. Acesso em: 29 abr. 2020.

ser importante contextualizar os movimentos que constituíram a história política dos anos 2017 e 2018.

Fundamentados nas calorosas manifestações da comunidade frente à candidatura de Jair Bolsonaro, os intérpretes adentraram o Instagram com posicionamentos bem marcados, cuja intensidade estava afinada a efervescência do debate partidário do período. Nos posts, os discursos em circulação simbolizaram tanto a confirmação do apoio, quanto a opinião distinta e negativa sobre o presidenciável e sua companheira. Com a dupla direção, nas postagens, a seguir, intérpretes acionam as ferramentas da rede social para garantir acessibilidade ao povo surdo sobre os episódios políticos que tomaram o cenário social:

Sequência enunciativa (se) I – Engajamentos dos intérpretes no *Instagram*.



Fonte: *Print* realizado pela autora.

O intérprete de Libras, Alón Maurício, funcionário na campanha de Fernando Haddad, na SE I, vale-se da ferramenta de vídeo para tornar o conteúdo acessível para os surdos. A postagem alavanca 406 visualizações, em 12 de outubro de 2018, data da coleta do material, e 4 comentários, com uma legenda direcionada aos ouvintes, a fim de que também compreendam a mensagem. Neste sentido, a plataforma abre um espaço para que o sujeito intérprete possa ordenar sua fala, gravar o vídeo e editá-lo, até alcançar o resultado esperado e promover uma tradução adequada.

Utilizando as possibilidades do *app*, Alón esclarece que, na sua percepção, o voto ao candidato do PT, Fernando Haddad, é algo estratégico— uma decisão necessária no segundo turno, já que a outra opção seria o candidato de direita. Ao atribuir a Haddad uma preocupação maior à questão dos direitos humanos, o intérprete reafirma seu posicionamento contrário aos discursos de Bolsonaro, compreendidos como preconceituosos e homofóbicos. Parte dessa reafirmação também se dá com o uso das *hashtags*. De acordo com Santaella (2007), compreendemos as *hashtags* como um *link*, no qual:

Não existe início, meio e fim. A exploração das *lexias* deixa o usuário a vontade para explorar apenas um ou vários módulos de informação [...] O *link* funciona como um elo de comunicação entre o usuário e o hipertexto [...] A informação está armazenada virtualmente e só se materializa quando acessada pelo usuário. (SANTAELLA, 2007, p. 308-10)

Os *links* entre um texto e outro, no Instagram, podem ser realizadas pela ferramenta, representada pelo símbolo #, que conduz o internauta a outro espaço da plataforma, no qual acopla as postagens com o mesmo tema, condensadas em uma única página. Para além de uma forma de busca rápida e concentrada em tema específico, o acréscimo das *hashtags* torna-se, nesse contexto, uma estratégia de visibilidade para o conteúdo. Tendo em vista o uso da #haddad e da #acessibilidade, observo que a formulação do post objetiva compor um ambiente de pesquisa acessado por sujeitos simpatizantes ao candidato do PT e/ou buscadores de informações e mensagens acessíveis. A #votolgbt também aproxima a publicação dos militantes e apoiadores da causa dentro da rede social.

Qual fator poderia ter instigado intérpretes a escolhas tão específicas que relacionariam a comunidade surda ao meio político nesse período eleitoral? Frente a esse questionamento, percebo, na eleição de 2018, uma nova direção entre os movimentos sociais e os partidos políticos. A comunidade surda recebeu, pela primeira vez, os holofotes das campanhas. Em *meugesto de interpretação* concebo, como parte desse movimento no pleito eleitoral, a proximidade da figura de Michelle Bolsonaro à LIBRAS.

A possibilidade de uma representante ligada diretamente ao presidente do país inflamou, na comunidade surda, o sentimento de identificação com esse sujeito ativo. Somado a tal fator, a visibilidade do Instagram e suas ferramentas trouxeram, para o cenário, posts que circularam em todo o período, aproximando a luta de Michelle Bolsonaro pelo povo

surdo ao candidato do PSL (Partido Social Liberal), como aparece na SE II.

Sequência enunciativa II – Engajamentos dos intérpretes no *Instagram*.



Les gusta a [vanialibras y otras personas](#)

[elizangelacastelobranco](#) Vendo Sonhos se tornarem realidade!!

Autoridades de nosso país aprendendo seus sinais em Libras!

[#respeitoacomunidadesurda](#)

[#governodetransição](#)

[Ver los 33 comentarios](#)

Fonte: *Print* realizado pela autora.

Na SE II, a foto permite ver a proximidade entre Bolsonaro, Michelle Bolsonaro, intérpretes de Língua de Sinais e o então Juiz Sérgio Moro. A postagem² é da intérprete Elizangela Castelo Branco, representante da comunidade de intérpretes e do ministério de surdos na Igreja Batista Atitude, em Brasília – DF, que mantém seu perfil ativo e público. Também é uma das profissionais responsáveis pela tradução e interpretação das declarações oficiais de Jair Bolsonaro e sua esposa.

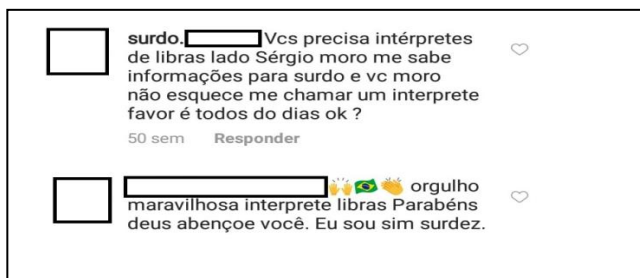
Voltando para a imagem, o uso da Libras se faz presente, marcando a proximidade das figuras com a cultura surda. Possuir um sinal significa que a pessoa já esteve ou está dentro da comunidade de forma ativa e o recebeu para ser identificada. Os sonhos mencionados na legenda, como em “Vendo sonhos se tornarem realidade!!!”, são ilustrados pelas autoridades políticas, as quais se mostram determinadas em conhecer um

² Como houve uma recente atualização da plataforma, instituída em 2019, neste material não é possível visualizar a quantidade de curtidas, ainda que a postagem seja do ano de 2018, pois a mudança no sistema atingiu todos os posts dos perfis, independente do período em que foram realizados.

elemento estritamente importante para a comunidade surda: a língua gesto-visual.

Além disso, o uso da #respeitoacomunidadesurda reforça a ideia valorizada na postagem. Analiso, também, que tal ferramenta foi utilizada para promover uma nova política proposta por Jair Bolsonaro. Assim, a #governodetransição retoma a tentativa do partido de distanciar-se do antigo governo que se manteve no poder por 13 anos: o Partido dos Trabalhadores. Os dispositivos utilizados pela intérprete na construção de sua postagem geraram diferentes efeitos de sentido nos discursos, como abordaremos dois comentários seguintes, publicados por pessoas surdas.

Sequência enunciativa III – Engajamentos dos intérpretes no *Instagram*.



Fonte: *Print* realizado pela autora.

Os dois comentários publicados no post referente à SE III, cada um pertencente a um perfil, aparecem escritos em Libras. O primeiro aponta para a importância da proximidade entre o intérprete de Libras e o Juiz Sérgio Moro, famoso no período por sua filiação ao PSL. No que tange à circulação de informações entre a comunidade surda, sem se manifestar positiva ou negativamente sobre o candidato Jair Bolsonaro, o primeiro *avatar* (RECUERO, 2000) também chama a atenção para a necessidade do acompanhamento do intérprete todos os dias, no âmbito profissional do Juiz. Na esteira de Recuero (2000), o *avatar* é:

Um viajante de mundos, alguém que pode viver em várias realidades. Daí vem o termo utilizado para definir os usuários em ambientes de chat gráficos. Isso porque estes softwares permitem que vários “mundos virtuais” diferentes, com propostas e interfaces diferentes, sejam criados. O usuário pode então, através de seu avatar, viajar entre eles, vivendo em várias realidades diferenciadas. (RECUERO, 2000, p. 2)

Aciono a concepção da autora porque podemos associar esse usuário que navega pelo Instagram não somente a um sujeito atrás da tela, ou a um simples perfil manifestante. Ele é, simultaneamente, o corpo gráfico exposto e o corpo humano responsável. Nesse ambiente *on-line*, ao assumir uma ou múltiplas identidades, na estabilidade de um nome e/ou de uma foto, o usuário usufrui da possibilidade de não ter o corpo presentificado associado à opinião publicada, responsabilizando, assim, somente o avatar. Na SE III, percebo que tal *sujeito ordinário* se posiciona de forma crítica frente aos acontecimentos veiculados pelo perfil da intérprete, direcionando-se aos próprios profissionais a partir do lugar que ocupa, enquanto surdo, dentro da rede social.

Em contrapartida, o segundo comentário produz uma mensagem de elogio para a responsável do *post*. Sem se identificar como surda na nomenclatura do perfil, a internauta atribui uma carga significativamente positiva de quem se sentiu orgulhosa da postagem. Adiante, a minha análise se volta para um *post* feito pelo @bolsosurdos, criado por intérpretes de Libras para a disseminação de informações e o apoio ao candidato Bolsonaro. A descrição feita pelos criadores de conteúdo menciona o direcionamento para sujeitos de “ideologia conservadora e apoiadores do sr. Jair Bolsonaro”.

Sequência enunciativa IV – Engajamentos dos intérpretes no *Instagram*.



Fonte: *Print* realizado pela autora.

Considerando o papel da mídia *on-line* na circulação mais acessível de informações e o cenário político, essa imagem surge como uma das tentativas de estreitar a relação entre Michelle Bolsonaro e a cultura surda. Aciono, aqui, o efeito de *copresença*, compreendido “enquanto efeito (discursivo) produzido pela tecnologia [...] do enquadramento midiático”. (SANTOS, 2014, p. 82). No resgate da imagem de duas figuras populares no *Youtube*, o @bolsosurdos se vale da legenda e da opção de anexar vídeos curtos para realçar o posicionamento desses dois indivíduos, ao passo que o reforçam com o apoio escrito, ou seja, ocorre a construção de uma relação entre dois pontos aparentes: Michelle Bolsonaro e a comunidade surda, no que ambos se conectam a um terceiro ponto, a presidência de Jair Bolsonaro.

O que encontro na composição geral do perfil, e específica do post, destaca o direcionamento dos autores para a ligação entre os surdos e a campanha do presidencial. O @bolsosurdos compartilha, na mensagem, a opinião dos irmãos Tainá Borges e Andrei Borges, criadores do canal Visurdo, no *Youtube*. No vídeo, ambos agradecem a Michelle por deixar clara a sua inclinação aos direitos e à luta do povo surdo.

Com 251 curtidas e 3 comentários, o post do perfil, idealizado e alimentado por intérpretes, vale-se da popularidade dos irmãos para acentuar o apoio da comunidade surda não apenas a Jair Bolsonaro, mas também à sua esposa. Ao traçar esse envolvimento, noto como regularidade, na apreensão das escolhas feitas na construção do hipertexto, o *Efeito Michelle*. Responsável por ressoar no candidato e constituir possível união dele com a comunidade surda, considero tal efeito como o “forte elo entre a boa imagem de Michelle Bolsonaro, tão comentada pelos fãs, a religião e o envolvimento com a língua de sinais”. (MENDES, 2019, p. 122).

Nesse viés, reitero, com a acessibilidade e a interculturalidade inerentes ao ofício da interpretação, a figura de Michelle Bolsonaro como dispositivo capaz de instigar sujeitos a veicularem informações para a comunidade surda, a favor ou em oposição a Jair Bolsonaro. Tais fatores foram visibilizados em grande escala por meio das publicações no Instagram, destacado, aqui, como espaço digital que permite a análise das postagens em consonância com os estudos sobre gêneros digitais.

4. Conclusão

A polarização política de 2018 e a possível representatividade à comunidade surda por um dos candidatos ocasionaram a mobilização dos surdos na campanha eleitoral. Os *posts* da página @bolsosurdos auxiliaram na construção da imagem de Michelle Bolsonaro enquanto sujeito ativo na luta do povo surdo, carregando essa bandeira no âmbito político. Nesse período, notei que o *Instagram* possibilitou o desenvolvimento de interações e de manifestações dentro de sua estrutura, mesmo em um espaço instável como a web, promovendo efeitos de sentido e(m) movimento – os quais seriam distintos se, neste contexto, partissem de pessoas de fora da comunidade surda, por exemplo.

Em nosso gesto de interpretação, verificamos que a possibilidade de um pensamento representativo, direcionado aos direitos dessa comunidade, disputaram espaços com o sentimento empático para com as outras militâncias. Analisar os elementos compositivos do *Instagram*, em consonância com os estudos de gêneros textuais, admitiu problematizar o uso das ferramentas disponíveis na rede social. Na circulação das mensagens dentro da comunidade surda, houve discursos formulados visando a atualização dos meios de comunicação entre ouvintes e gesto-visuais.

Essa identificação agrega aos sujeitos a ideia de autoridade e capacitação ao falar para a comunidade, ao mesmo tempo em que permite direcionar a discussão dentro da plataforma digital. A liberdade de falar em um espaço que possibilita mais acesso e visibilidade sobre um tema, que até então não era tão cotado dentro da comunidade surda – a política – acarreta, em nossa sociedade, uma nova oportunidade para esses sujeitos e o próprio acontecimento histórico-social dentro e fora do digital. Como regularidade da análise realizada no *corpus* deste trabalho, destaco a impossibilidade de dissociação entre Michelle e Jair Bolsonaro nas postagens destes perfis, relacionadas à comunidade surda.

A análise permitiu observar que os internautas adeptos do discurso de apoio ao candidato do PSL se pautaram no Efeito Michelle, referente ao potencial de representatividade da possível primeira-dama em sua proximidade a Jair Bolsonaro. Em contrapartida, os sujeitos que iam de encontro à candidatura de Bolsonaro, no *feed* da rede social, militavam em favor do candidato da oposição, Fernando Haddad, mas nem negavam, nem distorciam os dizeres sobre a luta de Michelle pelo povo surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010b.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Intérprete Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-38

MENDES, Ana Paula Saffe. O engajamento dos intérpretes de Libras no Instagram: Polarização e discurso ordinário na campanha de 2018. In: ROCHA, Patrícia Graciela da (Org.). *Línguas, discursos e identidades: saberes e práticas*. Porto Alegre: Fi, 2019. p. 107-23

NASCIMENTO, Vinícius. *Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis. *Estudos surdos II*. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2007.

RECUERO, Raquel. Avatares: viajantes entre mundos. In: *Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul. 2000. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/avatares.htm>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Elaine de Moraes. *O efeito de copresença Lula-Dilma no discurso político-midiático: uma leitura das eleições presidenciais de 2010*. 2014. 220 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Letras,

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

SARGENTINI, Vanice. O discurso político sob a ordem discursiva das redes sociais. In: SARGENTINI, Vanice (Org.). *Mutações do discurso político no Brasil: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 159-73

SILVEIRA, Juliana da. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

_____. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: imagens rumorais no discurso ordinário digital. In: *REDISCO: Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, V. 10, n. 2, p. 57-80, 2016.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.